

## ENTRE TRILHAS E CLAREIRAS: Um memorial filosófico de multiversidades poéticas do ensino

*Gabriel Kafure da Rocha<sup>1</sup>*

### 1. Introdução

Conta então o antropólogo, enquanto caminha na floresta com um grupo de investigadores que querem chegar até uma aldeia e, no meio do caminho, encontram uma grande árvore: eles estão perdidos e todos os caminhos que seguem os fazem voltar àquela mesma grande árvore, Samaúma, a princesa da floresta. O antropólogo se concentra e emite um canto conhecido na floresta, um dos

---

<sup>1</sup> Docente permanente do PPGFIL UECE e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) do IF Sertão PE. Bolsista Produtividade FA-CEPE/ SECTI 2024-2026. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7088-6239> E-mail: [Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br](mailto:Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br)

sinais que os índios e caboclos utilizam, batendo na Sapopemba para se comunicar com outras pessoas e espíritos nas proximidades. Assim, os caminhos se abrem, o grupo chega à aldeia e, ao conversar com o pajé, ele os explica que na floresta existem árvores antigas que prendem os viajantes através de seu encanto. (Rocha, 2018, p. 101)

Dedicado à Omar da Rocha Jr.  
In memoriam

Ao iniciar a descrição de minha carreira acadêmica, inspirada e ancorada na influência de meus pais e minha família, peço a licença hermenêutica para tratar do presente assunto com a primeira pessoa do singular, mesmo sabendo que minha história é composta de muitas pessoas e vozes, de um grande “nós” que compõe o meu ser.<sup>2</sup> Inclusive, enquanto um pensador que se considera bachelardiano, sinto que o *cogitamos* é a maneira mais adequada para se falar sobre a construção entre o pensar e o ensinar, criar: co-laborar. A redação de um Memorial implica diretamente num “regresso” que se processa nas projeções que temos e desenvolvemos, ou talvez, mais adequado ainda seria, tal como Nego Bispo (2023)

---

<sup>2</sup> Parte ou fração inexorável do meu caminho de trilhas e clareiras: meus filhos amados, Nara e Tom, e, Debora Santos (2021) a minha companheira das comunicações e de todos aspectos da vida.

costumava dizer: nos envolvermos. Nessa perspectiva temporal de atualizar o passado, me utilizarei da estratégia que parece mais adequada, pelo menos nessa introdução, de colocar os fatos numa ordem do presente ao passado, no qual as atividades mais recentes e de maior relevância estejam em primeira ordem. Decidi adotar essa ordenação de uma (des)continuidade<sup>3</sup> por diversas concepções filosóficas das rupturas inerentes do próprio processo de evolução epistemológico da própria subjetividade, bem como também por um ponto de vista metafísico de que o *Kairós* pode ser mais interessante do que o *Chronos*, de tal modo que retratar cronologicamente o meu memorial, talvez, do ponto de vista extenuante do tempo e do quantitativo de páginas para tal, pode ser intercalado com momentos em que ressalto primeiramente os pontos da trajetória que representem conquistas mais significativas que direcionam o meu percurso da clareira filosófica.

## 2. Uma cartografia de si

---

<sup>3</sup> Assim como Foucault, Bachelard pressupunha essa perspectiva da descontinuidade e da ruptura como condição para se pensar a historicidade do pensamento “(...) o filósofo não vai mais longe. Pensa que é inútil viver os novos tempos, os tempos em que, precisamente os progressos científicos rompem por toda a parte, fazendo necessariamente romper a epistemologia tradicional (...) sempre se passa a mesma coisa, o filósofo não aborda a zona das descontinuidades efetivas; continua a afirmar tranquilamente a continuidade do saber”. (Bachelard, 1963, p. 210).

Sou um brasileiro, nascido na Colômbia, na cidade de Popayán, fui criado no Brasil e em Angola, e por isso sempre vivi essa perspectiva que hoje autores decoloniais como Lélia Gonzalez (1988) chamam de Améfrica Ladina, ou seja, essa perspectiva das epistemologias do sul, de miscigenação cultural. Pelo valor da cultura popular, além de professor de filosofia, também ensino capoeira angola, e essa raiz brasileira, me dá um pertencimento essencialmente nordestino (nada contra as outras regiões que também já vivi, só destaco aqui a minha concepção e escolha de pertencimento).<sup>42</sup>

Ao trabalhar em diversos Estados da região Nordeste brasileira, atualmente vivo no Sertão de Pernambuco, na cidade de Petrolina, mas antes disso, entre o mestrado e o doutorado fui professor substituto de Filosofia da UFAL em Maceió - AL. Cursei o mestrado na UFPI em Teresina - PI e em São Luís do Maranhão vivi durante 3 anos no meu primeiro emprego como servidor público na Secretaria de Educação e no Doutorado, apesar de ter estudado em Natal, morava em Igarassu - PE uma das cidades mães de Pernambuco.

Minha graduação de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia foi na UFPE, onde já havia também iniciado meus estudos em estética por meio de um TCC intitulado “Schiller,

---

<sup>4</sup> Ser um ladinoamefricane, para mim, é um processo de contraste, no qual apesar de ser um branco em um constante processo de desbranquização, um homem em constante processo de desconstrução de essencialismos machistas em diálogo e na busca do equilíbrio feminista. Por isso, o ladinoamefricane é um povo do movimento, é um ser que caminha, e no seu nomadismo tem vivências

uma filosofia lúdica”, contudo, revendo meu percurso acadêmico ressalto que esse viés estético acabou sendo atravessado muitas vezes pela ética e a metafísica, muitas vezes por exigências dos Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu* e as condições dos orientadores. Creio que isso, remontando essa minha primeira pesquisa, foi o aprendizado de jogar conforme as regras da academia, ou como já dizia algumas de minhas pesquisas:

O jogo seduz o pensamento pelo intenso gozo que atrai, como um jogo de símbolos, a realidade dos instintos torna distinta. Insuflando energia ao símbolo e aumentando sua suficiência, seu valor de transmissão às consciências. O símbolo como “forma viva” é um conceito pleno, mostra o material da evolução psicológica do indivíduo, nisso a origem dos símbolos é equivalente ao instinto do jogo. (Rocha, 2021, p. 23).

## 2.1 Ensinando para aprender

A experiência de docência no Ensino Médio sem dúvidas foi e é ainda um marco de minha perspectiva de ensino, antes dela, já havia ensinado no ensino fundamental, mas foi um tempo um tanto turbulento pelo ritmo da ludicidade das crianças. Nesse tempo, não posso deixar de comentar que às vezes durante à noite minha esposa narrava que no meio da noite eu costumava falar “silêncio, vamos prestar atenção!”, pois ter o domínio com crianças exigia um esforço mental que transcendia a sala de aula e ficava no meu subconsciente. Dei aulas de filosofia, sociologia e artes no Ensino

Fundamental numa escola de ensino particular no Recife - PE, logo depois dei aula de Filosofia e Ensino Religioso no Fundamental e Médio no C.E. Raimundo João Saldanha na cidade de Rosário - MA durante três anos. É interessante que por meio do Ensino Religioso foi que retornei à academia, pois adotei uma perspectiva não dogmática e tampouco doutrinária ao dar aulas ecléticas sobre filosofia das religiões para as crianças. Costumava abordar a relação da postura filosófica com a diversidade religiosa e o respeito a pluralidade da fé e essa perspectiva de trabalho rendeu o ingresso num grupo de pesquisa GPMINA na UFMA, com os renomados professores Doutores Sérgio e Mundicarmo Ferretti, que me rendeu uma desconstrução de vários dogmas espirituais e religiosos já que estudávamos antropologia da religião em suas pluralidades.

A respeito do Ensino Médio, me identifiquei mais de imediato com os jovens e seus conflitos adolescentes, talvez por ter também um espírito rebelde e questionador, a postura crítica de quem faz filosofia. Contudo, não era fácil dar aulas numa escola pública no interior do Maranhão, apesar do prédio do colégio na época ter sido reformado, não havia uma infraestrutura de livros, nem tampouco videoprojetores. Logo, as aulas eram bem curtas, 45 minutos, basicamente feitas no quadro com giz, e tínhamos que criar o nosso material didático/apostila, para embasar as aulas expositivas e dialógicas.

Por minha característica nômade já de herança familiar (filho de pais ativistas de ONGs), posso ter de certa forma me reaproximado de uma perspectiva peripatética, e, não me

contentei com aquela posição e procurei continuar a minha carreira docente almejando novas experiências. A primeira delas foi a de professor temporário na UEMA no programa Darcy Ribeiro. Foi uma experiência muito importante, na qual a gente tinha que dar aulas intensivas de filosofia no interior do Maranhão. Era uma aventura de conhecer cidades desconhecidas como Dom Pedro, estar circulando pelas estradas de madrugada em vans e ônibus, dar aulas de Filosofia em cursos como Biologia, Letras, etc. Foi através dessa experiência que consegui sustentar as viagens entre o trabalho e o mestrado que vou narrar mais adiante.

Uma das experiências de ensino que gostaria também de ressaltar como diferenciais na minha trajetória foi a da EAD. Antes de entrar no mestrado, ainda na Especialização, quando vivia no Maranhão, ouvi falar dessa modalidade e da possibilidade de conseguir uma bolsa para complementar a renda. Acabei num primeiro momento não conseguindo conciliar o trabalho com a EAD, mas perseverei estudá-la do ponto de vista da tutoria como fruto do TCC da minha especialização “Os caminhos e (des)caminhos do curso de filosofia da UemaNet”<sup>5</sup> e pouco tempo mais tarde, quando ingressei no mestrado, passei a ser tutor do Centro de Educação à Distância CEAD UFPI no Polo de Juazeiro BA, na época a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elnora Gondim era a coordenadora do curso e quem sempre nos apoiou incontestavelmente. Essa tarefa foi muito significativa para mim, pois tive a incumbência de iniciar

---

<sup>5</sup> “A fragmentação foi a essência de toda a problemática entre professor-pesquisador, professor-tutor, tutor presencial, consistindo, talvez, na maior dificuldade para a execução da EaD.” (Rocha, 2014, p. 52)

uma turma de filosofia desde o início até a sua formação, na qual fui o professor homenageado. Nesse percurso, pude orientar também cerca de 29 TCCs em diversos polos do Piauí, sempre estimulando aos estudantes sair do lugar comum das temáticas “a felicidade em Aristóteles ou a fé em Santo Agostinho” e procurarem temas inusitados. Dentre eles, posso destacar algumas destas pesquisas com as quais discentes da EaD se tornaram ou estão se tornando mestres em filosofia. Uma delas que pode ter causado um estranhamento foi publicada por Moura (2022, p. 3) o qual cito:

A filosofia não é a arte de falar sobre o mundo de maneira difícil e apenas para os eruditos, a filosofia é a arte erudita de pensar e falar sobre o mundo, e para o mundo, e assim, com essa perspectiva temática dos desenhos animados, mostraremos como é possível uma interpretação filosófica desse fenômeno.

Nisso, é importante destacar pelo menos uma orientação entre os mestrados que trabalhei. No ProfEPT destaco Francisca Souza (2024) com a qual publicamos nosso primeiro artigo Qualis A1. No PPGFIL UECE destaco Thiago Teixeira Farias (2023), com quem orientei o interessante trabalho a respeito das emoções em Bachelard. E no PROF-FILO destaco Ana Patricia Gadelha (2025), com quem construí uma relação de transmissão de uma trilha de pesquisa: o imaginário no ensino de filosofia.

A perspectiva de ensino de filosofia que adoto é a de uma espécie de jogo aproximativo, por já ter trabalhado em

diversos cursos, como por exemplo quando fui professor de Introdução à Filosofia no Curso de Dança da UFAL, ou em cursos como Física, Química, Agronomia, Enologia, entendo que a filosofia deva se adaptar aos cursos recortando aspectos de sua imensa área de saber que se adequem aos estudantes de outros saberes e ciências. Assim, desde 2014 quando ingressei como docente efetivo do IFSertãoPE no Campus Petrolina Zona Rural, onde há os cursos de Agronomia e Enologia, nos quais leciono a disciplina de Filosofia, procurei trabalhar com os alunos aspectos da filosofia da natureza, da mitologia e dos elementos. Por esse caminho, já chegamos a produzir e publicar artigos, também temos o projeto de publicar um livro/apostila com as experiências já realizadas. Cito entre elas a primeira, que foi Rocha, G.K.; Rocha, A.A.; Cruz (2016) que despertou essa possibilidade de criação coletiva, mas hoje já temos algumas outras de destaque tanto com um artigo bilíngue publicado coletivamente sobre Filosofia e Enologia (Aguiar, Silva, Moreira, Sousa & Rocha, 2024) como também recentemente algumas traduções realizadas de Dagonnet para a filosofia, como em Coelho (2024a), Coelho &

Rocha, G (2024b), Rocha & Coelho (2025).<sup>6 7</sup>

Posso dizer então que sou um professor de filosofia que já passou por todas as esferas de ensino, do fundamental, médio, graduação e pós-graduação. Ao concluir o doutorado iniciei a minha jornada enquanto docente permanente nos Mestrados Profissionais ProfEPT do IFSERTÃOPE, que é o mestrado em rede nacional em educação profissional e tecnológica, e no PPGFIL UECE, que me acolheu de maneira extremamente estimulante para meu crescimento.

No ProfEPT me voltei para aplicar a questão da minha tese acerca dos espaços não formais na educação profissional, com isso tive a oportunidade de ministrar disciplinas obrigatórias e eletivas e orientar trabalhos que produzam produtos que solucionem problemas da Educação Profissional e Técnica (EPT). Foi um trabalho muito voltado ao Ensino Médio, mesmo nas esferas de EJA, e extremamente interdisciplinar, por isso, eu costumo dizer que foi um trabalho de filosofia prática, no qual foi preciso me desafiar não só a entender as

---

<sup>6</sup> “uma reflexão mais ampla sobre como as práticas vinícolas moldam e são moldadas pela filosofia de vida da região. O vinho, neste contexto, não é apenas um produto, mas um símbolo de uma herança cultural que expressa a relação profunda entre o homem e o meio ambiente. O estudo de Roupnel de Whalen revela como a tradição vinícola da Borgonha é um reflexo das crenças e valores filosóficos da sociedade local.” (Aguiar, Silva, Moreira, Sousa & Rocha, 2024, p. 4)

<sup>7</sup> “A questão permanece se a quantidade não acaba com a qualidade (o sabor, as diferenças). De tanto ver tudo se multiplicar e intensificar, o filósofo poderia pensar que estamos perdendo aquilo que o terroir e as estações nos proporcionaram” (Coelho, 2024a, p. 3)

linguagens de diversos alunos e orientandos, mas também adentrar em seus mundos, justamente por meio de memoriais. O ProfEPT é um mestrado que não exige um projeto de pesquisa como requisito de entrada, mas como todo mestrado profissional, exige um produto como complemento à dissertação.

Já no PPGFIL UECE, adentrei por meio da perspectiva de trabalhar à distância com assuntos mais ligados à minha pesquisa de Doutorado, ou seja, a pesquisa propriamente filosófica de autores como Bachelard, Kierkegaard, Heidegger, entre outros da filosofia francesa contemporânea. Entre as experiências significativas e as responsabilidades nesse programa, posso ressaltar a gestão das redes sociais e dos periódicos *Polymatheia* e *Kalagatos*, este último, estava praticamente abandonado há 3 anos e em 6 meses consegui colocá-lo de volta ao ar, resgatando os cerca de 17 anos de publicações nacionais como um periódico de relevância. Um dos nossos colegas brincou depois deste feito que foi quase uma daquelas propagandas de videntes que dizia “trago o seu ex de volta”, conseguimos trazer a *Kalagatos* de volta para o cenário como uma das revistas mais importantes de filosofia do país, e agora notadamente internacionalizada com artigos bilíngues.

## 2.2 Investigações multiversitárias

Falar sobre o imaginário das multiversidades como ideia que pode conduzir o futuro dos IFs, é uma tarefa que exige antes de tudo falar sobre a realidade histórica dessas instituições. Propor que há um imaginário que permeia essa transição do ensino tecnicista para uma visão

mais holística e complexa, é uma tarefa de um Novo Espírito Pedagógico tal qual filósofos como Gilbert Durand, Alberto Filipe Araújo, Jean-Jacques Wunemberger e Bruno Duborgel (Santos, Marins & Rocha, 2023, p. 155)

O conceito da multiversidade nasceu por meio de pesquisas com discentes do ProfEPT, atualmente esta ideia está alicerçada aos estudos e pesquisas da filosofia nos Institutos Federais como um saber integrador de multisaberes. Apoiado pelo sentido que o imaginário pode ter para os alunos e professores das áreas de humanas em um Instituto Federal, do ponto de vista da Pesquisa, destaco aqui a ideia da criação do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPQ “Sertão Filosófico”, por meio deles fizemos importantes ações itinerantes à nível institucional. É o caso do próprio evento “Sertão Filosófico”, um dos méritos desse grupo foi ter reunido professores de filosofias de diferentes Campi do IF SertãoPE e tê-los unido por meio da pesquisa a ter uma projeção dentro da instituição. Destaco aqui o papel do Prof. Dr. Cristiano Dias da Silva em acreditar nessa iniciativa sendo o primeiro líder do grupo. Com um grupo de professores altamente qualificados e competentes, realizamos eventos itinerantes nos campi do IF SertãoPE, também criamos a *Revista CACTO – Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, da qual sou também editor chefe. Além disso, o grupo tem o mérito de promover intercâmbios interinstitucionais com a UPE, UNIVASF, UFPI e reunirmos diversos orientandos de iniciação científica.

Posso ressaltar aqui a orientação concluída de dois

projetos de iniciação científica, um deles foi de fundamental importância no desenvolvimento da Revista CACTO, “Edição e divulgação científica: Iniciação ao portal de periódicos do IF Sertão PE” cuja a aluna bolsista desenvolveu uma espécie de manual de como ser um editor júnior. Outra iniciação científica de grande potencial estético foi “Os jogos da vida: Uma investigação crítica acerca do processo de ensino-aprendizagem de filosofia política por meio jogos de tabuleiro” que na verdade se tornou “O jogo do velho chico”, um jogo de tabuleiro que sintetiza jogos como o jogo da vida, banco imobiliário, o e *Le Kapital* (um novo jogo criado como crítica a ideia de acúmulo de riquezas do banco imobiliário), e que se baseia entre as cidades de Petrolina – PE e Juazeiro – BA, e das perspectivas de vida que um jovem tem perante os dilemas e questões existenciais.

Outra atividade de pesquisa que destaco é o Grupo de Estudos “Bachelard e os obstáculos pedagógicos” vinculado atualmente ao PPGFIL UECE. Por meio desse grupo, realizamos o evento virtual Bachelard no Brasil que já está em sua segunda edição e vem reunindo grandes pesquisadores nacionais, creio, contudo, que isso é uma atividade que já passa ao âmbito da extensão na qual descreverei melhor os eventos organizados.

Atualmente no PPGFIL UECE estou ligado a linha de Pesquisa de Ética, concentro minha pesquisa na ética contemporânea, principalmente na possibilidade de uma interpretação ética entre a ciência e a imaginação de Gaston Bachelard, mas também já orientei pesquisas de strictu sensu acadêmica sobre Byung-Chul Han, atualmente também voltei a orientar

sobre Kierkegaard. O projeto de Pesquisa que coordeno dentro dessa linha se chama “*Obstáculos filosóficos*” na *Ética do Ensino da Ciência e dos Estudos do Imaginário – Bachelard e suas traduções*. Nele, já realizamos e publicamos a tradução pela Revista Kalagatos do livro *Causeries*, traduzido ao português como *Conversações*, que se tratou de transcrições de palestras radiofônicas que Bachelard emitiu sobre os elementos. Ainda há a meta da tradução do livro *Paysages*, uma parceria entre Bachelard e o artista plástico Albert Flocon que teve suas gravuras interpretadas por Bachelard.

Por meio dos desdobramentos do conceito de multiversidades, chegamos a aprovação de um núcleo do Mestrado profissional PROF-FILO no IF Sertão PE em 2023, e hoje já temos nossos primeiros egressos entre 2023-2025. Este mestrado profissional foi o segundo a ser instituído no IF Sertão PE, o primeiro do Campus Petrolina Zona Rural e com forte perspectiva de termos o doutorado até 2027. Além disso, agora em 2025 iniciamos a primeira turma de uma Licenciatura em Filosofia num Instituto Federal, também no Campus Petrolina Zona Rural, em parceria com o Colégio Dom Bosco e a Diocese de Petrolina, são iniciativas inovadoras que circulam em torno dessa ideia de que a filosofia não só universaliza o saber, mas também pluriversaliza por meio de uma proposta que os Institutos Federais podem ser Multiversidades (Santos, Marins & Rocha, 2023), ou seja, núcleo pluricampi que por meio da filosofia colaboram com uma integração e aproximação com as áreas e a reflexão técnica. A perspectiva do ensino de filosofia pelo PROF-FILO representa basicamente a possibilidade idiossincrática de reconhecer que cada

professor tem um jeito, uma filosofia de ensino, e que isso é único e universal, o que eleva nossa prática de professores a filósofos formadores de professores, e isso tem uma riqueza incrível na troca de experiências e saberes e possibilidades de potencializar e multiplicar nossas ações.

### 2.3 Influências filosóficas

“O raio de luz não produz primeiramente a clareira, a abertura, apenas percorre-a. [Ele] só pode brilhar se a abertura já é garantida’. A abertura, isto é, a clareira, é a dimensão prévia que possibilita o aparecer, o desocultamento dos entes.” (Heidegger, 1972, p. 32). Mesmo com toda a crítica ao autor, e num viés blanchotiano da morte do autor, não posso deixar de reconhecer minha influência ontológica heideggeriana. Para além deo como alguns professores podem ser clareiras em nossos caminhos e trilhas, não posso deixar de destacar três amigos que foram fundamentais para o desabrochar de meu percurso acadêmico. A primeira é Janayna Cavalcante (2019), uma mestra que me mostrou que minha vida e trajetória são tão fundamentais quanto o meu conhecimento na minha constituição enquanto professor. O segundo é Gustavo Fontes Holanda (2025), um irmão que com toda a parceria entre a arte e a filosofia, me fez aprender a pensar o Brasil e por essa via, descolonizar e amerindizar o meu pensamento. E o terceiro é meu amigo panteísta Diogo Filipe Santos Moura

(2016), sem ele, provavelmente não estaria tão cedo num Instituto Federal como docente.<sup>8</sup>

A partir destas influências, destaco aqui a minha experiência pós-graduação, ou seja, quando na especialização em Metodologias do Ensino Superior na UFMA conheci justamente a epistemologia de Bachelard como uma proposta de aplicação na educação. Foi numa disciplina com um cubano professor Dr. Samuel Luis Velazquez Castellanos que me apresentou *A formação do Espírito Científico* e solicitou que eu fizesse um mapa conceitual sobre os obstáculos epistemológicos. Essa atividade foi muito marcante, e só fui entendê-la profundamente tempos depois, mais especificamente no doutorado. É importante frisar que foi no dia que concluí essa especialização que recebi a notícia de aprovação no mestrado que narrarei logo adiante.

### 2.3.1 Mestrado

Após várias tentativas de cursar o mestrado em diversas áreas como Educação, Antropologia ou Interdisciplinaridade, visto que eram os programas de pós-graduação que existiam na época no Maranhão, todas as vezes eu passava

---

<sup>8</sup> Destaco aqui também um artigo em que descrevo um pouco da minha disruptura espiritual que varia entre o panenteísmo e o panteísmo “O questionamento da força de controle e domesticação de uma religião sincrética e uma não sincrética partilha muitas postulações diferentes e contraditórias. O enfraquecimento do controle religioso, pela lenta perda dos mitos originais e a mistura de religiões, é fruto do controle da sociedade global pela sequência de profundas mudanças desta sociedade atual.” (Rocha & Santos, 2024, p. 9)

muito bem nas provas escritas, mas acabava sendo reprovado no projeto. Eu não tinha muita experiência em escrever projetos, não tive nenhuma bolsa de iniciação científica, por isso tive que aprender de uma maneira autodidata, na tentativa e erro. Foi então quando voltei para a Filosofia, optei pela tentativa de cursar o PPG em Ética e Epistemologia em Teresina na UFPI, já que poderia tentar uma transferência do meu trabalho para Timon-MA, na fronteira de modo que eu conciliasse o trabalho com o mestrado. Essa tentativa de transferência foi frustrada. Apesar de ter passado na seleção em 10º lugar e isso me garantia uma bolsa, quando declarei ao coordenador que era professor, este não me concedeu a bolsa alegando que tinha outros discentes em situação de maior dificuldade. Dificuldades à parte, minha pesquisa no mestrado inicialmente se tratava de uma poética da subjetividade em Kierkegaard, mas como o PPG na época, e minha linha de pesquisa estava focado em Ética, exigiram na qualificação do projeto que eu mudasse a temática. Ora, eu queria estudar a questão estética da alteridade da semi-heteronímia dos pseudônimos kierkegaardianos, mas acabei estudando a ética da liberdade, ainda que numa obra estética: *Ou-ou*. Consegui a conclusão do curso, com o apoio incontestável de meu orientador, Prof. Dr. Daniel Arruda Nascimento (UFF) assim como também de alguns professores como Prof. Dr. Luizir de Oliveira (UFPI) que participaram das bancas de qualificação, Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula (UNB) e da banca de defesa como Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Guiomar Grammont (UFOP).

### 2.3.2 Doutorado

Re(senhas)

Já em outro patamar profissional, depois de dois anos como professor efetivo do IF Sertão PE decidi procurar continuar as pesquisas acadêmicas finalmente pesquisando um filósofo que desde a graduação tinha vontade de pesquisar: Gaston Bachelard. O problema seria conseguir orientação, sabia de duas possibilidades: na UFBA com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elyana Barbosa, na UFG com Prof. Dr. Fábio Ferreira Almeida. Pela proximidade tentei inicialmente contato com a professora Elyana que informou que não estava bem de saúde e não poderia me auxiliar. Foi quando descobri que o Prof. Dr. Oscar Bauchwitz na UFRN já havia orientado uma tese sobre Bachelard, e, ao entrar em contato com ele, foi receptivo a ideia desde que fosse algo sobre o espaço. Essa foi uma temática maravilhosa e instigante na qual me debrucei, como na época só havia ainda o Doutorado Integrado UFPB-UFPE-UFRN, fiz a seleção e fui aprovado, na entrevista o professor Oscar Bauchwitz falou que gostaria também que minha pesquisa envolvesse Heidegger e eu aceitei o desafio do que seria uma ontologia do espaço em Bachelard e Heidegger, depois o título se tornou “Metaontologia dos espaços: uma aproximação geopoética por Bachelard ao encontro de Heidegger” e hoje, no prelo de publicação pela Editora IF Sertão PE, com prefácios das professoras Constança Marcondes e Elyana Barbosa (In memorian) publicado como “Estéticas da inteligência: Espacialidade entre Bachelard e Heidegger” com Qualis Livros L2. Destaco também dessa época a publicação do artigo *Uma topo-ontologia de Heidegger e Bachelard* publicado na Revista colombiana *Ideas y Valores* e hoje notadamente o meu artigo mais citado com índice i10.

Nessa época também houve a possibilidade pelo IFSETE/PE de pleitear uma bolsa CAPES complementar ao afastamento integral chamada PRODOUTORAL. Contudo, para pleiteá-la seria preciso, entre outros fatores condicionantes, estar num doutorado conceituado no nível 4, o que não era o caso do Doutorado Integrado UFPB-UFPE-UFRN, mas era o caso do novo Doutorado recentemente aprovado no PPGFIL UFRN. Acho importante frisar esses meandros porque são coisas que o *Lattes* não revela, mas que foram fundamentais no meu percurso, e por isso o Memorial tem essa possibilidade de revelar aspectos ocultos de uma hermenêutica pessoal. Meu orientador ficou de acordo que eu fizesse uma nova seleção, na qual fui aprovado em primeiro lugar, pelo menos antes dos recursos, creio que depois disso fiquei em segundo ou terceiro. O fato é que com isso, fiz depois a seleção para a Bolsa PRODOUTORAL e consegui usufruí-la por cerca de 30 meses. Isso me deu várias possibilidades diferenciais de pesquisa e de extensão como participação de eventos internacionais na Colômbia, México, Moçambique, Portugal.

## 2.4 Extensão

Entre as ações de extensão de internacionalização de maior destaque de minha carreira acadêmica posso citar que o convite do Prof. Dr. Armando Cisneros pela UAM Azcapotzalco no México de ministrar duas palestras na Cidade do México foi uma das experiências mais inesperadas dos meus horizontes intelectuais. Na época, consegui conciliar a viagem com um retorno à Colômbia, em Bogotá e Cali, por meio de um financiamento de evento pela UFRN e

somando com o auxílio financeiro da UAM estive conhecendo departamentos e culturas filosóficas de uma potência e resistência inspiradoras.

Entre outras ações de extensão de internacionalização que valem à pena ser citadas é possível citar o lançamento do livro “Bachelard: Causeries - estudos criticou ou lições de filosofia” que foi realizado na Universidade Nova de Lisboa. Além da visita na qual ministrei aulas nas Universidades Pedagógica, Universidade Santo Tomás e realizei uma entrevista com o Prof. José Blaunde Patimale da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo – Moçambique. Nesse sentido, ao estabelecer vínculos com professores moçambicanos, destaco ligação com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Mechiço & Basílio (2023) da Universidade Pedagógica, que me convidou para coorientar o Prof. Lino Vahire (Unilicungo) de Moçambique que veio fazer seu estágio doutoral no IFSertãoPE, o que foi e tem sido uma experiência muito rica de troca de saberes.

## 2.5 Produtividade

### 2.5.1 Livros

Cada livro e artigo publicado carrega uma história e um contexto, para não ser excessivamente detalhista, selecionei os 10 principais títulos que marcaram minhas publicações. Entre livros, posso destacar que minha primeira publicação relevante foi “Ética da Liberdade em Kierkegaard: Uma contra-posição entre as teses do Juiz Wilhelm e de Johannes Sedutor” (2016) pela Editora Fi, fruto da minha dissertação de mestrado logo quando estavam começando as publicações de

ebooks de filosofia. Outros dois livros marcantes foram ambos publicados em 2019, antes da defesa da tese, um deles foi “Bachelard: Estudo Crítico das Causeries ou Lições de Filosofia” pela KDP Amazon, no qual fiz o primeiro experimento de tradução e transcrição de transmissões radiofônicas de Bachelard (e que precisa de uma nova edição revisada), e, outro “Bachelard, um livro vivo (Homenagem aos 135 anos de nascimento do filósofo)” pela Editora Phillos no formato Ebook e impresso *on-demand* pela Amazon que reuniu diversos pesquisadores renomados nacionais como Catarina Sant’Anna (UFBA), Marcus Mota (UNB) e internacionais Alberto Filipe Araújo (UMinho), Jean-Jacques Wunenburger (Université de Lyon), José Blaunde Patimale (Universidade Eduardo Mondlane). Depois deste, ano passado auxiliei na publicação uma nova versão mais sintetizada que foi . “Os 140 Anos do Nascimento de Bachelard: O filósofo do devaneio” com apoio da bolsa de produtividade da FACEPE / SECTI.

### 3 (In)Conclusões - Horizontes Futuros

Ao sair de uma aldeia em seu Jeep rural, vê um indígena no caminho e lhe pergunta se quer uma carona; o índio aceita, mas, tão logo o carro anda por um quilômetro, ele pede para descer. O antropólogo então se surpreende e pergunta o porquê, e o índio explica algo como se houvesse deixado sua alma no caminho. (Rocha, 2018, p. 97).

Essa foi a história desses caminhos onde pude me perder para me encontrar, como diria Kierkegaard (2017), mas também como diria o meu pai, que deixou este legado que considero uma antropologia fenomenológica, ou seja, um reconhecimento de si no espaço que se mostra. Nesse processo de aprender a desaprender para se encontrar. Na desconstrução da alteridade entre o si mesmo e o outro, no “ou isto ou aquilo” de nossas escolhas que a poetisa Cecília Meireles (1967) tão bem expressou em poucas palavras.

Minha pesquisa acadêmica continua ligada principalmente aos estudos do espaço, estética e ensino de filosofia, e que se sintetizam, a meu ver, na poética e imaginário, e assim procuro ver meu futuro como uma paisagem fenomenológica. Sei que de tudo que foi construído até então, terei que deixar de lado algumas opções para iniciar novos ciclos, e assim são os desafios da vida, é preciso persistir para descobrir o que há de vir.

Ressalto também que ter feito o estágio pós doutoral o qual fui convidado à realizar na UNIOESTE no Campus Foz do Iguaçu impulsionou publicações transversais entre Ensino, Pesquisa e Extensão as quais se desdobraram em organizações de dossiê com pesquisadores da UNIOESTGE na *Rev. Educere et Educare*. Assim também ressalto outras organizações de publicações e dossiês com os discentes e bolsistas do ProfEPT, o que ressalto que apesar de ter pedido desligamento do mestrado, foi um aprendizado incrível par ao entendimento mais profundo da grandeza da EPT e das possibilidades inúmeras de atuação e orientação. Na EPT destaco a orientação de trabalhos como os de Silva (2024), uma discente que mesmo

com deficiência visual foi capaz de concluir uma Especialização Lato Sensu em EAD, a TecDAE, foi uma das experiências incrivelmente esperançosas da educação.

No Campus Petrolina Zona Rural após conseguirmos a aprovação do primeiro Mestrado do Campus, o PROF-FILO, tivemos uma repercussão e valorização no Instituto como um todo, aprovamos a 1ª Licenciatura em Filosofia de um Instituto Federal, mas ainda precisamos continuar trabalhando por uma carga horária mais digna, uma vez que estamos operando para trabalhar pela verticalização do ensino médio ao doutorado.

## Referências

AGUIAR, Emilly Tamires Gomes Pereira Silva de; SOUSA, João Wesley dos Santos; SILVA, Katarinne Gomes da; MOREIRA, Maria Laura Barbosa; DUARTE, Maria Nazaré Noronha; SOUSA, Wellington Lucio; ROCHA, Gabriel Kafure da. Vinhas e vinhos da Borgonha: A Filosofia de Gaston Roupnel de Philip Whalen. *Re(senhas)*, v. 1, n. 1, p. e24001, 2024. DOI: [10.71263/b8b4jx91](https://doi.org/10.71263/b8b4jx91). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/1>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BACHELARD, G. *Le matérialisme rationnel*. Paris: PUF, 1963.

BARROS, E. P.; SILVA, V. C. P. ; CORCINIO JUNIOR, G. F.; ROCHA, G. K. (Orgs.) . *Os 140 Anos do Nascimento de Bachelard: O filósofo do devaneio*. 1. ed. Teresina: Editora Entre Trópicos, 2024. v. 1. 131p . Disponível em: <https://releia.ifsertaope.edu.br/jspui/handle/123456789/1365> Acesso em 2 de Maio.

BASÍLIO, Guilherme; MECHIÇO, Rosa. A Filosofia e o seu Ensino. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 3, n. 1, p. e23001, 2023. DOI: 10.31416/cacto.v3i1.515. Disponível em: <https://revistas.ifsertaope.edu.br/index.php/cacto/article/view/515>. Acesso em: 3 maio. 2025.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

CAVALCANTE, Janayna. EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA ORDEM PÓS DEMOCRÁTICA: DESAPARECIMENTO DA MODALIDADE E INVISIBILIDADE INSTITUCIONAL. *E-curriculum*. DOI: [10.23925/1809-3876.2019v17i3p1123-1143](https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1123-1143)

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/44000>

Acesso em: 30 de Abril de 2025.

COELHO, João Ricardo Rodrigues. François Dagognet: Verbetes - Agronomia. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 4, n. 2, p. e24015, 2024. DOI: 10.31416/cacto.v4i2.1144. Disponível em:

[https://revistas.ifsertao-](https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1144)

[pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1144](https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1144). Acesso em: 21 abr. 2025.

COELHO, João Ricardo Rodrigues; DA ROCHA, Gabriel Kafure. Agronomia: Uma disciplina subversiva: Dagognet, Des Révolutions vertes, Hermann, 1973. *Cadernos Cajuína*, v. 9, n. 5, p. e249503, 2024. DOI: 10.52641/cadcajv9i5.594. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/594>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOLANDA, Gustavo Henrique Fontes de. O ensino de Filosofia na periferia da civilização: desafios para uma crítica contracolonial. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 5, n. 1, p. e25011, 2025. DOI: 10.31416/cacto.v5i1.1453. Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1453>.

Acesso em: 3 maio. 2025.

Re(senhas)



KIERKEGAARD, Søren. *Ou-ou – um fragmento de vida (segunda parte)*. Trad. Elizabeth M. Sousa. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p. 797-811

MOURA, Diogo Filipe dos Santos. Ricoeur e Heidegger: a hermenêutica ontológica do agir humano. *Cadernos Cajuína*, V. 1, N. 3, 2016, p.69 – 75. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/download/410/403/1173> Acesso em 15 de Abril de 2025.

MOURA, Lenilson Oliveira. Entretenimento criativo: : A filosofia nas animações Disney/Pixar. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 2, n. 1, p. e22005, 2022. DOI: 10.31416/cacto.v2i1.345. Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/345>. Acesso em: 21 abr. 2025.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, 2011. Companhia das Letras.

ROCHA, G.K.; ROCHA, A.A.; CRUZ, J.T.C. Bachelard: Reflexões para o ensino de filosofia em agronomia e viticultura, *Dialektiké* 2 (3), 2016, pp. 10-18. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/dialektike.2016.5344>

ROCHA, G. K.. A filosofia e o tutor em EAD no Maranhão. *REVISTA DO NESEF: FILOSOFIA E ENSINO*, v. 4, p. 46, 2017. Dis-

ponível em: [https://educacao.ufpr.br/nesef/wp-content/uploads/sites/10/2018/10/v4\\_a\\_filosofia\\_e\\_o\\_tutor\\_em\\_ead\\_no\\_maranhao.pdf](https://educacao.ufpr.br/nesef/wp-content/uploads/sites/10/2018/10/v4_a_filosofia_e_o_tutor_em_ead_no_maranhao.pdf)

ROCHA, G. K. GEOPOETICS IN BACHELARD AND WUNENBURGER: AN ESSAY ON AN ANTHROPOLOGIST IN THE PHILOSOPHY OF SPACE. *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 22, p. 96-111, 2018. DOI: 10.21680/1982-1662.2018v1n22ID15296. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/15296>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ROCHA, Gabriel Kafure. UMA TOPO-ONTOLOGIA DE HEIDEGGER E BACHELARD. *Ideas y Valores*, Bogotá, v. 69, n. 172, p. 33-56, Apr. 2020. Available from <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-00622020000100033&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00622020000100033&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 01 Maio 2025., 2020. <https://doi.org/10.15446/ideasyvalores.v69n172.55867>.

ROCHA, Gabriel Kafure. A ESTÉTICA DO CONHECIMENTO DO SERTÃO FILOSÓFICO. 1. ed. Teresina: Entre Trópicos, 2021. v. 1. 189p. Disponível em: <https://sertaofilosofico.wordpress.com/wp-content/uploads/2022/05/estetica-do-conhecimento-do-sertao-filosofico-1.pdf>

ROCHA, G. K.; TEIXEIRA FARIAS, T. Imaginário estético dos afetos em Bachelard: Aesthetic imaginary of affections in Bachelard. *Modernos & Contemporâneos - International Journal of Philosophy*, v. 7, n. 16, p. 127-137, 2023. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4855>. Acesso em: 2 maio. 2025.

ROCHA, G. K.; SANTOS, B. F. A filosofia na UDV: Imaginários do Panenteísmo, Hermetismo e Hermenêutica. *Kalápatos*, v. 21, n. 2, p. eK24035, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/13384>. Acesso em: 2 maio. 2025.

ROCHA, Gabriel Kafure da; COELHO, João Ricardo Rodrigues. DAGOGNET E A FILOSOFIA AGRONÔMICA: APROXIMAÇÕES AGROECOLÓGICAS. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 14, n. 2, p. e1817, 2025. DOI: 10.23900/2359-1552v14n2-54-2025. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1817>. Acesso em: 2 maio. 2025.

SANTOS, B. F.; MARINS, D. R. de S.; ROCHA, G. K. da. OS INSTITUTOS FEDERAIS E O IMAGINÁRIO DAS MULTIVERSIDADES. *Educere et Educare*, v. 18, n. 46, p. 154-173, 2023. DOI: 10.48075/educare.v18i46.30792. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/30792>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SANTOS, Debora Maria. CONSUMO E JOGOS DIGITAS NA INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO MINECRAFT. *Cadernos Cajuína*, v. 6, n. 4, p. 275-289, 2021. DOI: 10.52641/cadcaj.v6i4.545. Disponível em: <https://old.cadernoscajuina.pro.br/index.php/cadcajuina/article/view/545>. Acesso em: 3 Abril 2025

SILVA, Monique Araújo da. O uso das tecnologias assistivas no processo educacional de deficientes visuais, uma revisão bibliográfica pós-pandemia. *Cadernos Cajuína*, v. 9, n. 5, p. e249544, 2024. DOI: 10.52641/cadcajv9i5.618. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/618>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Re(senhas)



SILVA, D. A. da; CARAÚBA, E. L.; ROCHA, G. K. da. O ensino de religião nas séries finais do Fundamental e a busca pela felicidade: uma perspectiva kierkegaardiana. *Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 6, p. e15768, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n6-233. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/15768>. Acesso em: 2 maio. 2025.

SILVA, Ana Patrícia Gadelha da Costa. Proposições de Conteúdos do Imaginário no Ensino de Filosofia. *Re(senhas)*, v. 1, n. 1, p. e24008, 2024. DOI: 10.71263/x8kan719. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/9>. Acesso em: 2 maio. 2025.

SOUZA, F. A. de.; ROCHA, G. K. da; SANTOS, D. M. dos. A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 17, n. 49, p. 723-740, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.10614319. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/3243>. Acesso em: 2 abril 2025.

*Submetido em Março de 2025*

*Aprovado em Maio de 2025*